Por Anderson Farias (*)



A gestão de dados nas operadoras de saúde deixou de ser função de apoio para se tornar um elemento central na sustentabilidade do negócio. Diante da pressão crescente sobre os custos assistenciais, a capacidade de transformar dados em decisões concretas passou a ser um diferencial competitivo e, em muitos casos, uma condição para manter a operação equilibrada.

Os números ajudam a dimensionar esse contexto. De acordo com a Agência Nacional de Saúde Suplementar, as despesas assistenciais per capita nos planos individuais cresceram 9,35% no último levantamento divulgado. Esse avanço pressiona a sinistralidade e exige das operadoras um nível maior de controle, previsibilidade e eficiência. Muitas organizações já coletam indicadores, mas não conseguem traduzir as informações em ações práticas para reduzir custos ou apoiar decisões estratégicas.

É nesse ponto que a construção de uma cultura orientada por dados ganha relevância. Ser data-driven, na prática, significa tomar decisões com base em evidências, conectando informações assistenciais, financeiras, regulatórias e de utilização. Quando essa integração ocorre, a operadora deixa de apenas registrar eventos e passa a entender padrões, antecipar riscos e ajustar sua atuação de forma mais assertiva.

Um exemplo claro está na análise de sinistralidade por perfil de beneficiário. Em vez de olhar apenas para o volume de eventos assistenciais, a operadora consegue avaliar o impacto desses dados nos custos, identificar desvios e ajustar regras, contratos e até a gestão da rede credenciada. Essa mudança de abordagem transforma dados dispersos em inteligência aplicada ao dia a dia da operação.

Apesar disso, um dos principais equívocos é associar cultura data-driven apenas ao investimento em tecnologia. Ferramentas de BI, dashboards e sistemas de análise são importantes, mas não resolvem o problema sozinhos. Sem padronização de métricas, integração entre áreas e confiança na qualidade das informações, dados se limitam a relatórios operacionais que pouco influenciam o direcionamento do negócio.

A governança de dados, nesse contexto, é um pilar essencial. É ela que garante regras claras de coleta, tratamento e uso das informações, além de assegurar que diferentes áreas trabalhem com

os mesmos conceitos e indicadores. Se isso não se concretiza, surgem leituras divergentes do mesmo cenário, comprometendo a tomada de decisão e aumentando o retrabalho.

Outro ponto decisivo está na capacidade das equipes de interpretar e utilizar os dados. O letramento em dados precisa fazer parte da rotina de áreas como regulação, auditoria, faturamento e gestão de rede. São esses times que lidam diretamente com os indicadores e que têm a oportunidade de transformar informação em ação. Quando conseguem identificar, por exemplo, um aumento fora do padrão em determinados procedimentos ou prestadores, podem ajustar regras, intensificar auditorias ou revisar processos antes que o impacto financeiro se amplie.

A liderança tem um papel direto na consolidação dessa cultura. Mais do que incentivar o uso de dados, cabe aos gestores incorporar essa prática nas decisões estratégicas e demonstrar, de forma concreta, como os indicadores influenciam resultados como sinistralidade, custos e desempenho operacional. Desse modo, criam um ambiente em que o uso de dados deixa de ser pontual e passa a orientar a forma como a organização opera.

Além disso, a estruturação de processos também é determinante. Para que os dados gerem valor, é necessário garantir que as informações certas cheguem às áreas certas no momento adequado. A democratização do acesso, feita com segurança e governança, permite que auditoria, regulação e áreas estratégicas atuem com mais agilidade e precisão. Sem um fluxo estruturado, a análise fica fragmentada e perde capacidade de gerar impacto real.

Quando pessoas, processos e governança estão alinhados, os resultados são mais consistentes. A operadora passa a antecipar riscos assistenciais e regulatórios, ajustar estratégias com base em evidências e reduzir desperdícios operacionais. Ao mesmo tempo, ganha velocidade na tomada de decisão e melhora a previsibilidade do negócio.

Construir uma cultura data-driven vai além da tecnologia e do acesso a dados. Trata-se de uma mudança na forma como a organização interpreta informações e toma decisões. Em um setor pressionado por custos crescentes e alta complexidade, essa transformação permite sair de uma atuação reativa e avançar para uma gestão mais estratégica, eficiente e sustentável.

(*) **Anderson Farias** é CEO da TopSaúde Hub, parte do ecossistema da Interplayers, que é líder em soluções tecnológicas para a gestão da saúde suplementar, oferecendo uma plataforma especializada para operadoras, administradoras e autogestões de todos os portes. - E-mail: Este endereço de e-mail está sendo protegido de spambots. Você precisa habilitar o JavaScript para visualizá-lo..

Sobre a TopSaúde Hub

A TopSaúde Hub, parte do ecossistema da Interplayers, é líder em soluções tecnológicas para a gestão da saúde suplementar, oferecendo uma plataforma especializada para operadoras, administradoras e autogestões de todos os portes. Com 40 anos de experiência no mercado, a empresa utiliza Inteligência Artificial, BI e Data Analytics para descomplicar a rotina de gestão de planos de saúde, tanto médico como odontológico, além de combater fraudes e desperdícios. A TopSaúde Hub amplia seu impacto com soluções exclusivas, atendendo mais de 13 milhões de vidas ativas e reforçando seu compromisso com a transformação digital do setor. Com atuação em todo território nacional, a empresa revoluciona a gestão em saúde, conectando tecnologia e eficiência para impulsionar negócios. Mais informações: https://www.topsaudehub.com.br.

Fonte: NB Press, em 17.06.2026